

LIBRAS, IDENTIDADE E CULTURA SURDA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DO PSICÓLOGO: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL

LIBRAS, DEAF IDENTITY AND DEAF CULTURE IN THE ACADEMIC TRAINING OF PSYCHOLOGISTS: CHALLENGES AND CONTRIBUTIONS TO PROFESSIONAL PRACTICE

Shirley Dias Miranda Batista¹, Suely Sousa Lopes Marinho¹, Rosângela Siede²

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia Afya/Araguaína.

² Professora do curso de Psicologia Afya/Araguaína. E-mail: rosangela.siede@afya.com.br

Eixo Temático: Eixo 01: Saúde

RESUMO

A inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como a compreensão da identidade e da cultura surda na formação do psicólogo, é essencial diante dos desafios no atendimento psicológico à população surda. Este estudo tem o objetivo de identificar lacunas na formação do psicólogo e analisar como o conhecimento sobre a Libras, a identidade e a cultura surda contribuem para uma prática ética e inclusiva. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, realizada de forma sistemática nas bases SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico, abrangendo o período de 2014 a 2024, com os descritores 'Língua Brasileira de Sinais', 'Curso de Psicologia', 'Cultura Surda', 'Identidade Surda' e 'Saúde Mental'. A triagem de periódicos foi complementada por obras clássicas para contextualização histórica e teórica. A falta de domínio nessa área específica produz barreiras comunicacionais no contexto psicoterapêutico, comprometendo a privacidade, o sigilo profissional (Artigo 9º do Código de Ética) e o vínculo devido à dependência de terceiros. A literatura aponta para o modelo socioantropológico e reconhece as múltiplas identidades surdas. A ausência de Libras na formação compromete a atenção psicológica. A inclusão desses conteúdos na graduação promove equidade, acessibilidade e cuidado integral à saúde mental da comunidade surda.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais. Curso de Psicologia. Cultura surda. Identidade surda. Saúde mental.

ABSTRACT

The inclusion of Brazilian Sign Language (Libras), as well as an understanding of Deaf identity and Deaf culture in psychology education, is essential given the challenges involved in providing psychological care to Deaf individuals. This study aims to identify gaps in psychology education and analyze how knowledge of Libras, Deaf identity, and Deaf culture contributes to ethical and inclusive professional practice. This is a qualitative bibliographic and documentary study conducted systematically through the SciELO, Virtual Health Library (VHL), and Google Scholar databases, covering publications from 2014 to 2024, using the descriptors “Brazilian Sign Language,” “Psychology Education,” “Deaf Culture,” “Deaf Identity,” and “Mental Health.” The screening of scientific publications was complemented by classical works to provide historical and theoretical contextualization. The lack of proficiency in this specific area creates communication barriers within the

psychotherapeutic context, compromising privacy, professional confidentiality, as established in Article 9 of the Code of Ethics, and the therapeutic relationship due to dependence on third parties for communication. The literature supports the socio-anthropological model of deafness and recognizes the plurality of Deaf identities. The absence of Libras in psychology education limits the provision of appropriate psychological care. Incorporating these contents into undergraduate psychology programs promotes equity, accessibility, and comprehensive mental health care for the Deaf community.

Keywords: Brazilian Sign Language. Psychology Program. Deaf Culture. Deaf Identity. Mental Health.

INTRODUÇÃO

A inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na graduação de Psicologia é urgente. Aliado a isso, o estudo da identidade e da cultura surda qualifica o atendimento terapêutico. Essa integração promove o bem-estar e a autonomia dos sujeitos surdos¹. No entanto, persistem sérias lacunas na formação acadêmica desses profissionais.

A insuficiência de conhecimentos práticos em Libras produz severas barreiras comunicacionais². Esse cenário dificulta a expressão das demandas psíquicas pelo paciente. Consequentemente, compromete o estabelecimento de vínculo entre o psicólogo e a pessoa surda. A mediação constante por familiares ou intérpretes viola a privacidade do indivíduo. Além de comprometer diretamente o sigilo profissional resguardado por lei².

A produção científica brasileira na interface entre Psicologia e Surdez apresenta lacunas estruturais. Historicamente, as pesquisas concentram-se em temáticas educacionais e de desenvolvimento infantil. Estudos focados em diagnóstico, psicopatologia e acompanhamento clínico de adultos surdos continuam escassos⁴. Diante disso, é importante reconhecer as línguas de sinais como línguas naturais e plenas. Elas são as grandes responsáveis pela estruturação do pensamento e das identidades positivas do sujeito surdo.

O domínio da Libras pelo psicólogo assegura uma comunicação clínica direta. Esse recurso é indispensável para salvaguardar o sigilo prescrito pelo Artigo 9º do Código de Ética Profissional⁵. Uma comunicação acessível viabiliza a escuta qualificada e fortalece a aliança de cuidado. Esse preparo mitiga os altos índices de isolamento, ansiedade e sofrimento ético que acometem essa população nos serviços públicos de saúde mental⁵.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de identificar essas barreiras formativas. O objetivo principal do estudo é mapear a literatura científica nacional sobre o tema. Busca-se promover reflexões sobre a equidade, acessibilidade linguística e inclusão nos contextos acadêmico e profissional da Psicologia.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental. Realizou-se uma busca sistemática nas bases SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico. Foram aplicados os seguintes descritores indexados no DeCS: 'Psicologia', 'Surdez' e 'Libras'. O recorte temporal para a seleção de periódicos científicos compreendeu o período de 2014 a 2024.

Adicionalmente, selecionaram-se obras clássicas da literatura sobre surdez e história cultural. Foram integrados livros e ensaios de referência publicados a partir de 1993. Destacam-se os trabalhos de Sacks, Marchesi, Skliar, Perlin e Strobel. Esses textos fundamentaram a contextualização histórica e garantiram a devida profundidade teórica.

Os critérios de inclusão selecionaram artigos científicos em língua portuguesa disponíveis na íntegra. Os trabalhos deveriam analisar a atuação clínica e a formação acadêmica em Psicologia. Foram excluídas da análise revisões não clínicas, monografias, resumos de congressos, estudos duplicados e artigos restritos à inclusão escolar de crianças. O corpus final foi consolidado em 10 artigos específicos e as referidas obras de referência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trajetória Histórica e Regulamentação da Libras no Brasil

A história da educação de surdos no Brasil é marcada por intensos conflitos metodológicos. O marco inicial ocorreu em 1857 com a fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos (atual INES) ⁶. Sob influência do bilinguismo de L'Epée, o uso da língua de sinais era estimulado. Contudo, essa prática foi interrompida pelo Congresso de Milão em 1880. A assembleia banuiu os sinais e impôs o oralismo como método exclusivo⁶⁻⁸.

O bilinguismo ressurgiu com força no Brasil na década de 1990. Esse processo culminou no reconhecimento legal da Libras pela Lei nº 10.436/2002. Apesar desse avanço legal, persistem lacunas formativas severas nas graduações^{1, 9}. A disciplina de Libras permanece quando presente, de caráter optativo ou complementar na maioria dos cursos de Psicologia. Isso impede a capacitação de profissionais aptos a prestar atendimento clínico autônomo.

Modelos Conceituais da Surdez

A literatura científica contrasta dois grandes paradigmas interpretativos. O Modelo Clínico-Terapêutico, que aborda a surdez sob uma ótica estritamente patológica e orgânica⁹. Ele foca na reabilitação auditiva e na normalização do indivíduo por meio da fala. Já o Modelo

Socioantropológico conceitua a surdez como uma diferença cultural e linguística. Esse paradigma valoriza as interações visuais, o bilinguismo e a emancipação do sujeito.

A privação linguística precoce gera prejuízos severos ao desenvolvimento da criança. Conforme Oliver Sacks, o oralismo exclusivo e tardio bloqueia a inteligência infantil¹⁰. Sem um veículo simbólico, a capacidade conceitual permanece prejudicada. Portanto, o acesso precoce à língua de sinais é vital na surdez pré-linguística para assegurar a construção cognitiva e afetiva.

Cultura e Formação das Identidades Surdas

A cultura surda desenvolve-se por meio de interações essencialmente visuais. Espaços coletivos e associações de surdos cultivam pertença linguística e comportamental. O ponto de união entre os sujeitos é a imersão na cultura e o sentimento de pertencimento^{15, 17}. Essa identificação independe dos níveis clínicos de perda auditiva. A vivência da língua de sinais constitui o pilar identitário central do grupo.

Para ilustrar essa diversidade, Gladis Perlin sistematizou sete tipos de identidades surdas^{15, 17}. A Identidade Política caracteriza-se pelo uso militante e exclusivo da Libras. A Identidade Híbrida ocorre na surdez adquirida tardiamente. A Identidade Flutuante descreve surdos oralizados que espelham o comportamento de ouvintes. A Identidade Embaçada reflete indivíduos em isolamento linguístico total, sem sinais ou fala oral.

Além dessas, a autora identificou mais três perfis. A Identidade de Transição descreve sujeitos criados no oralismo que descobrem a Libras na vida adulta. A Identidade Diáspora envolve o trânsito multicultural e geográfico. Finalmente, a Identidade Intermediária caracteriza indivíduos bilíngues que circulam livremente nos dois mundos. Essa pluralidade exige do psicólogo sensibilidade e competência cultural¹². O domínio básico do vocabulário é insuficiente para dar conta da subjetividade desse grupo.

Desafios Clínicos, Éticos e de Saúde Mental

O acolhimento psicológico acessível esbarra na severa escassez de profissionais fluentes¹⁸. A mediação de intérpretes ou familiares gera barreiras éticas no setting terapêutico. Essa presença viola o sigilo profissional garantido pelo Código de Ética (Artigo 9º)^{1, 3, 18}. O paciente sente-se constrangido para expressar suas vivências profundas, fragmentando o vínculo.

Por outro lado, os psicólogos enfrentam sentimento de insegurança e frustração. Essa reação decorre de currículos acadêmicos excessivamente engessados^{18, 19}. Sem preparo para lidar com a comunicação visual, muitos profissionais interrompem o atendimento de forma precoce. Essa

exclusão agrava o isolamento e acentua vulnerabilidades mentais. Além disso, potencializa riscos de diagnósticos clínicos incorretos, confundindo barreiras de linguagem com limites cognitivos⁵.

CONCLUSÃO

A capacitação acadêmica de psicólogos em Libras é de fundamental importância. Essa formação garante o sigilo profissional (Artigo 9º) e possibilita a escuta qualificada¹². Além de viabilizar a comunicação direta, ela consolida o vínculo clínico. O bilinguismo promove a equidade e o acolhimento integral em saúde mental. O respeito à cultura e às identidades surdas é essencial para superar processos históricos de exclusão social.

Recomenda-se a reestruturação curricular nas instituições de ensino superior. A disciplina de Libras deve ser inserida de forma contínua e transversal. É necessário que as graduações incorporem o modelo socioantropológico da surdez. Por fim, novos estudos clínicos direcionados a adultos e idosos surdos devem ser fomentados. Essa expansão consolidará uma Psicologia ética, inclusiva, acessível e socialmente responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. De Lima Souza AA, Sotero GC. A importância do ensino de Libras na formação em psicologia: por uma promoção de saúde inclusiva e efetiva frente à surdez. *Mnemosine*. 2023;19(1).
2. Pires J, Almeida R. O atendimento ao surdo na clínica psicológica. *Rev. Inclusão*. 2016;12(3):45-56.
3. Cruz M, et al. Desafios da comunicação no setting clínico terapêutico. *Cad Saúde Pública*. 2021;37(4):112-124.
4. Da Silva Riterbusche C, Maffini G, Dos Santos Gonçalves C. Equidade e saúde mental: desafios do trabalho do psicólogo com as pessoas surdas. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*. 2021;10(4):e48410414208.
5. Guimarães LC. Saúde mental da pessoa surda no Brasil. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*. 2021;2(3):316-325.
6. Marchesi A. O desenvolvimento cognitivo e linguístico dos surdos. In: Coll C, Palácios J, Marchesi A, organizadores. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993. p. 210-230.

7. Skliar C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação; 1997.
8. Amaral M. Acessibilidade social e direitos das pessoas surdas no Brasil. Rev. Bras. Direitos Humanos. 2017;8(2):142-155.
9. Perlin G, Strobel K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. Educar em Revista. 2014; 53:17-31.
10. Sacks O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
11. Braz-Aquino FS, et al. Formação em psicologia e atendimento à diversidade linguística. Temas em Psicologia. 2016;24(2):415-429.
12. Strobel K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC; 2008.
13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Deficiência auditiva no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.
14. Furtado R. O sentimento da família diante do diagnóstico de surdez do filho. Cad Fonoaudiol. 2008;14(1):23-35.
15. Cromack EMPC. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implications sociais. Psicologia: ciência e profissão. 2004;24(4):68-77.
16. Wrigley O. The politics of deafness. Washington DC: Gallaudet University Press; 1996.
17. Perlin GT. Identidades surdas. In: Skliar C, organizador. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação; 1998. p. 51-73.
18. Santos F, Assis G. O psicólogo frente ao atendimento do paciente surdo: desafios formativos. Cad Acad Saúde Mental. 2015;7(1):12-25.
19. Costa JM, Marques LS, De Souza JCP. O atendimento psicológico a pessoa surda. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento. 2022;11(16): e215111638011.